

A conversação informal na internet:¹ aspectos afetivos e políticos

Ângela Cristina Salgueiro Marques²

Resumo: *O objetivo deste artigo é estudar as conversações que ocorrem on line procurando estabelecer relações entre seus aspectos afetivos e políticos. Em um primeiro momento, explora-se o conceito de conversação e suas implicações para a sociabilidade contemporânea. Em seguida, a partir dos dados obtidos por meio da análise de um fórum de discussão na internet, tenta-se identificar empiricamente alguns indicadores que nos parecem adequados à determinação das condições nas quais conversações fluidas, dispersas e guiadas por afetos se focalizam, orientando os participantes em direção à definição e compreensão de um problema de interesse geral. Finalmente, revela-se que existem formas de sociabilidade na internet que demonstram não só uma dimensão de escolhas eletivas e identificações afetivas, mas também uma dinâmica referente a conflitos de pontos de vista, tentativas de compreensão mútua e explicitação narrativa de traços identitários individuais e coletivos.*

Palavras-Chave: *conversação informal, fóruns de discussão, vínculos afetivos e argumentativos.*

1. Introdução

O laço social que nos une aos outros é assegurado, e constantemente renovado, através das experiências que com eles partilhamos. O sentir e o experimentar “em comum” podem ser verificados junto a grupos que se unem por afinidades, as quais revelam uma grande similaridade de gostos e hábitos. Assim, para Maffesoli (1987), a sociabilidade está ligada à vivência conjunta dos sujeitos, ao compartilhamento de valores, sentimentos e comportamentos. Ela expressa diversas formas de “estar junto com”, conferindo importância à linguagem, à relação entre os interlocutores e ao contexto de suas trocas. Sob esse viés, a sociabilidade diz da construção de um “lugar” comum, a partir do qual os sujeitos vão se relacionar momentaneamente com os outros e com o mundo, organizando suas ações recíprocas e elegendo afetos em formas mais fluidas de interação (Bretas e Silva, 2006).

Ao envolver a experiência comum, os sentimentos e os afetos reconhecidos como pertencentes a um quadro de sentidos coletivo, a sociabilidade se apresenta como forma de

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “<Comunicação e Sociabilidade>”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

² Doutora em Comunicação Social (UFMG), professora do curso de pós-graduação em Comunicação Institucional da UNINOVE-SP e pesquisadora associada ao *Groupe de Recherche sur les Enjeux de la Communication* (GRESEC), Université Stendhal. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com.

interação comunicativa que mantém a coesão do tecido social. As sociedades contemporâneas, fragmentadas em grupos, comunidades ou tribos (de fronteiras tênues), procuram e constroem, cada vez mais, espaços que proporcionam vivências centradas no presente, na ausência de compromisso e nas afinidades eletivas. Podemos dizer que tais grupos se encontram e se entrecruzam com maior intensidade na internet, onde descobrem e criam espaços de expressão e argumentação.

O ciberespaço, dupla rede que reúne e entrecruza fluxos de informação mediatizada e de comunicação interpessoal, proporciona novas configurações para as relações sociais. Determinados contextos presentes no ciberespaço permitem a atualização, a reformulação ou atribuição de novos sentidos às nossas relações cotidianas. Os fóruns, chats, listas de discussão e blogs, por exemplo, oferecem condições para que indivíduos e grupos, ao dialogarem entre si, organizem suas experiências de forma narrativa, explorando conjuntamente aspectos ligados às suas identidades pessoais e coletivas.

Reconhecer e/ou construir um lugar comum na internet, significa selecionar, por afinidade, não só um espaço de interação, mas um tema específico e parceiros determinados. Nesse sentido, acompanhar as pessoas comuns em interações on line nos ajuda a identificar algumas marcas na construção de mensagens e de linguagens que expressam como os laços sociais são estabelecidos (Bretas, 2008). Acreditamos que, nessas interações, elementos que a princípio estão ligados aos afetos e ao desejo de estabelecer vínculos efêmeros, podem dar a ver tipos de interações mais argumentativas, ou seja, preocupadas em identificar e melhor compreender problemas que envolvem o interesse público. Tal aproximação entre vínculos de ordem afetiva e política é mais perceptível quando estudamos a presença de vozes de públicos marginalizados na internet, avaliando o modo como definem e interpretam coletivamente problemas cotidianos. Para esses públicos, alguns espaços da internet oferecem a possibilidade de que eles falem por si mesmos a respeito de seus dilemas e necessidades (Cruz, 2006). A conversação on line permite, assim, que eles definam suas experiências com maior liberdade, usando seus próprios termos.

Na web (e também fora dela), os cidadãos constroem e se apropriam cotidianamente de alguns contextos comunicativos nos quais podem sustentar conversações a respeito de seus interesses e necessidades, desenvolvendo assim não só laços afetivos de proximidade e pertencimento, mas também capacidades de argumentação, reflexão e domínio cognitivo dos diferentes tipos de informação aos quais estão expostos (Marques, 2008). Assim, é preciso

compreender as conversações cotidianas informais como ações que produzem sentido não só para a vontade de “estar junto” com os outros, mas também para a necessidade de transformar e construir com eles os elementos que nos permitem definir, compreender e alterar a realidade.

Neste artigo, pretendemos mostrar que as conversações informais que envolvem a troca de referências acerca de algo no mundo são constituídas, em um primeiro momento, pelo prazer de estar junto, de compartilhar com o outro os momentos vividos, sem a preocupação de atingir metas e objetivos a curto ou longo prazo. Mas, em um segundo momento, essas interações podem politizar-se, dando a ver a necessidade de posicionar-se diante do outro, de formular argumentos convincentes e de justificá-los diante dos outros parceiros de interação. Evidenciaremos que existem formas de sociabilidade na internet que revelam não só uma dimensão afetiva, mas também política.

De modo mais específico, pretendemos avaliar o papel das conversações informais junto a indivíduos marginalizados que encontram na rede não só possibilidades de estar junto com os outros e de com eles partilhar suas histórias, como também de expressar demandas, compreender suas reais necessidades e negociar pontos de vista. A fim de investigar como cidadãos desfavorecidos se implicam em conversações informais na web, faremos uma análise empírica de um fórum de discussão francês que teve como tema o *Revenu Minimum d'Insertion* (RMI), o qual corresponde, em linhas gerais, aos programas sociais de renda mínima no Brasil.

As conversações informais que ocorreram nesse fórum - entre alocatários do RMI, funcionários do serviço social e indivíduos interessados pela temática - nos revelam que não é tarefa fácil mostrar como indivíduos marginalizados conseguem romper o silêncio e a invisibilidade impostos por sua condição e pelo julgamento moral da sociedade. Por isso, tais conversações foram capturadas de modo a dar a ver o processo de entrecruzamento de formas de sociabilidade que, guiadas pela escolha afetiva e pela busca de elementos de identificação, podem tornar-se permeáveis a modos de interação menos fluidos e dispersos, exigindo que os interlocutores assumam uma posição a respeito de um problema que deixa de pertencer ao pano de fundo das questões latentes. Dito de outro modo, uma conversação on line pode se iniciar pela busca de valores partilhados e abrir espaço para a negociação de entendimentos e para a exploração dos pontos de discordância existentes entre os participantes. Acreditamos que a implicação em conversações informais on line (e off line) pode desenvolver

competências comunicativas e expressivas específicas dos indivíduos, contribuindo para suas iniciativas de participação em debates sociais e auxiliando-os a tematizar questões privadas sob o registro do interesse coletivo.

2. As conversações informais no cotidiano

No quadro das reflexões atuais de Habermas (2006), e de certos autores como Cramer Walsh (2004) e Gastil (2008), a conversação informal do cotidiano assume um papel muito importante nos processos de troca de experiências pessoais e de crenças coletivas, de formulação e expressão de pontos de vista, de submissão de justificativas ao crivo do outro e de conquista da confiança necessária para participar de trocas comunicativas mais amplas e exigentes.

De acordo com Kim & Kim, a conversação informal no cotidiano “favorece oportunidades para refletir a respeito de nossas próprias idéias, reduzindo sua inconsistência cognitiva e aumentando a qualidade das opiniões e dos argumentos individuais” (2008, p.61). Ao se apresentar como um processo de reunião de fatos, testemunhos, informações e histórias, a conversação expõe os indivíduos a várias idéias e facilita a descoberta e a compreensão de pontos comuns e das divergências existentes entre eles (Black, 2008). A conversação tende, potencialmente, a diversificar as opiniões que circulam em diferentes redes de comunicação e aprimorar a qualidade das opiniões sustentadas pelos indivíduos. Além disso, a conversação informal no cotidiano ajuda os indivíduos a compreender melhor o que desejam e aquilo de que precisam no nível pessoal e coletivo.

Contudo, nem todas as nossas conversações são orientadas em direção à compreensão mútua ou à identificação de sentidos partilhados (Rojas, 2008). Mas as conversações cotidianas informais podem apresentar momentos em que vínculos mais afetivos e de identificação demandam também uma relação orientada para a compreensão recíproca de um problema identificado como coletivo. Nesses momentos, os conflitos latentes são exteriorizados e a polarização das opiniões dos interlocutores dá a ver uma tensão entre duas dinâmicas: a tentativa de identificar elementos comuns entre os membros do grupo e a tentativa de definir quem são aqueles que se posicionam contrariamente às perspectivas sustentadas pela maioria.

3. Os fóruns de discussão: lugares de aproximação afetiva e de politização do discurso

A Internet apresenta atualmente alguns contextos nos quais os cidadãos comuns podem expressar suas histórias pessoais e seus pontos de vista sobre determinadas questões, estabelecendo diálogos e trocas motivados tanto por fatores afetivos quanto políticos. Indivíduos e grupos marginalizados são duplamente favorecidos, pois além de encontrarem nos espaços da rede a proteção do anonimato para falarem sobre seus problemas, aproveitam para elaborar e dar visibilidade a contra-discursos em oposição aos estereótipos e códigos simbólicos de opressão. Ao fazer isso, eles tendem a inserir novas vozes no debate coletivo sobre determinadas questões de injustiça e desigualdade (Dahlberg, 2007).

Todavia, a proliferação e a diversidade de públicos e vozes no ciberespaço podem acarretar alguns problemas. Habermas (2006) e Bohman (2004) destacam, por exemplo, a fragmentação do espaço público virtual em várias conversações restritas e focalizadas em questões muito específicas. Assim, a existência de uma multitude de mini-espços públicos especializados na web poderia levar a uma fragmentação maior dos públicos que, reunidos em torno de um grande número de questões pontuais, permaneceriam isolados em “ilhas diferenciadas de comunicação” (Dahlgren, 2005, p.152). O fator da homogeneidade é mencionado por Lev-On e Manin (2006) como o principal responsável pela multiplicação de espaços virtuais semelhantes que, ligados por hiperlinks, orientam a navegação em direção a conteúdos que se afastam de toda oposição, privilegiando a diversidade de opiniões entre iguais ao invés do confronto entre opiniões adversas.

Apesar desses problemas, a pesquisa desenvolvida por Ananda Mitra (2001) revela que os espaços de conversação existentes na internet como, por exemplo, os fóruns de discussão, podem vir a ser contextos de definição e de interpretação de problemas que afligem indivíduos desfavorecidos e marginalizados. Se, de um lado, os indivíduos desfavorecidos podem participar de múltiplas conversações espalhadas na internet, de outro lado é preciso também reconhecer que eles têm necessidades de encontrar um espaço mais protegido para descobrir afinidades, pontos comuns em suas experiências, para definir um problema identificado como de interesse coletivo e também para chegar à uma percepção mais objetiva e generalizada de sua situação.

3. Considerações metodológicas

Para mostrar como vínculos afetivos e políticos de sociabilidade podem ser estabelecidos por meio de conversações informais na internet, escolhemos um fórum de discussão abrigado pelo portal francês *www.Doctissimo.fr*, que difunde e estimula o debate sobre assuntos da atualidade médica e novidades relativas à saúde e bem-estar. O fórum “vida prática” foi eleito por acreditarmos que fóruns nos quais os internautas podem escolher, por afinidade, os temas de seu interesse e entrecruzar questões privadas com problemas atuais de ordem política (como o desemprego e a miséria) são passíveis de mostrar que, apesar das intenções dos internautas, “a associação intencional com um indivíduo semelhante pode produzir o encontro inesperado do diferente” (Lev-On & Manin, 2006, p.211).

Nosso corpus de análise é constituído pelas 231 mensagens postadas sob a rubrica “atualidades” do fórum vida prática “Rmistas e ANPE”³. Essas mensagens foram postadas, sem a intervenção de um moderador, no dia 9 de novembro de 2007, entre 06h40 e 20h59. Uma amostra de mensagens condensadas ao longo de um dia nos permitiu focalizar nosso olhar sobre a densidade das trocas e das dinâmicas de alternância entre perguntas e respostas.

No papel de observadores, pudemos ter acesso às conversações realizadas no fórum. Dado que as 231 mensagens postadas se organizam em sequências conversacionais que se repartem em vários domínios temáticos, selecionamos as sequências que consideramos capazes de evidenciar como vínculos de sociabilidade afetivos (de identificação) podem se entrecruzar com vínculos políticos (ou politizados) durante as conversações informais realizadas no contexto do fórum. Com o objetivo de melhor caracterizar essas sequências, criamos três categorias de análise que, partindo de aspectos afetivos e eletivos do conceito de sociabilidade, pudessem criar aberturas (via conversação) para a emergência de aspectos políticos. Assim, propomos as seguintes categorias: a) modelagem mútua de um mundo comum; b) interesses e expectativas que motivam o “estar junto”; c) modos de estabelecer contato com o outro: identificação e partilha de experiências.

Nas seções seguintes, mostraremos como cada uma dessas categorias pode colocar em evidência situações nas quais os participantes do fórum buscam definir e interpretar a questão do desemprego de modo a exteriorizar pontos de conflito, a identificar os pontos de

³ ANPE/Agence Nationale pour l'Emploi. Ver o site : <http://forum.doctissimo.fr/viepratique/Actualites/rmistes-anpe-sujet_11059_1.htm>.

divergência e a encontrar uma base comum de referências para estabelecer alguns marcos de identificação para as trocas subsequentes.

a) Modelagem mútua de um mundo comum

A conversação no fórum começou quando a participante Danielle⁴ perguntou qual a opinião dos outros participantes a respeito de um artigo de jornal sobre o RMI.⁵ Assim, a partir do enquadramento mediático oferecido pelo artigo⁶, os participantes começam a interação falando de assuntos banais do cotidiano e que diziam respeito às vivências de pessoas materialmente desfavorecidas. A ênfase das trocas é dada ao presente, ao vivido. Percebe-se a criação de um ambiente no qual a seleção de temas e a identificação entre os participantes se dá por afinidade. Por meio da conversação inicialmente estabelecida, é possível perceber também que eles tentam modelar um mundo comum a partir da elaboração de enquadramentos interpretativos acerca do artigo proposto como tópico de debate. Essa conversação inicial serve à construção cooperativa de informações e a definição de um conhecimento partilhado para orientar os participantes em suas trocas.

Ao analisarmos tal conversação, identificamos que o tópico que mais recebeu atenção dos participantes dizia respeito à comparação entre o SMIC⁷ e o RMI.

Exemplo 1- Comparação entre o salário mínimo e o RMI⁸

4- Danielle (09-11-2007, 09:04:26)

É preciso dizer que com o montante do salário mínimo e as vantagens, o RMI pode ser considerado um salário. Ser pago sem fazer nada, sem ninguém para te vigiar? É só alegria.

6- Sylvie (09-11-2007, 09:03:42) Responde 4

Ah é? Você acha comparável um salário mínimo e 400 euros por mês?

8- Danielle (09-11-2007, 09:09:40) Responde 6

Para um solteiro que vive só e sem auxílios, sim!

12- Marie (09-11-2007, 09:14:53) Responde 6

⁴ Os nomes dos participantes foram substituídos por nomes arbitrários.

⁵ Ver: “Le Haut-Commissaire aux Solidarités actives, Martin Hirsch, admet que seuls 50% des bénéficiaires du RMI sont inscrits à l’ANPE.” Fonte : fr.biz.yahoo.com.

⁶ O enquadramento destacava que grande parte das pessoas que recebiam o benefício do RMI não eram acompanhadas pela ANPE e, por isso, não se preocupavam em procurar um emprego.

⁷ *Salairé minimum interprofessionnel de croissance.*

⁸ Guia de leitura dos exemplos de trechos de conversações: a) os cabeçalhos das mensagens foram retirados, restando apenas o dia e a hora em que cada mensagem foi postada; b) cada mensagem recebeu um número que corresponde à ordem de seu aparecimento na discussão; c) devido à não sincronicidade das trocas, nós assinalamos “quem responde a quem”. Essa operação foi possível uma vez que, no fórum, os participantes utilizam a citação direta para responder uns aos outros, retomando trechos de mensagens anteriores; d) a ortografia original das mensagens foi conservada (inclusive na tradução ao português).

400 euros, mais auxílio moradia (250), mais os restaurantes populares, ajudas para as contas de telefone e eletricidade, o bônus de natal e os transportes públicos gratuitos!

17- Perle (09-11-2007, 09:23:21)

Em suma, é melhor receber o RMI que o salário mínimo.

120- Edith (09-11-2007 à 11:01:19) Responde 17

Bah, pessoalmente eu não acho...talvez no que se refere ao dinheiro não seja grande coisa, mas eu prefiro não ser considerada como um dejetto da sociedade e não precisar mendigar a cada dia uma ajuda para viver...

Nesse trecho de conversação, as participantes do fórum⁹ tentam identificar não só os indícios que podem conduzir à uma compreensão mútua da questão, mas também os pontos de vista e as posições sustentadas por cada uma. Há, inicialmente, uma tendência a interpretar a questão do desemprego utilizando argumentos que confirmam as hipóteses previamente sustentadas pelas participantes. Isso pode nos dar a impressão de que a interação se desenvolve sob o registro de uma troca de preconceitos. Contudo, uma grande parte de nossas conversações possui como ponto de partida um estereótipo, uma vez que ele integra um quadro interpretativo partilhado e publicamente disponível.

No desenrolar da conversação, entretanto, é possível perceber como as participantes oscilam entre a afirmação de um preconceito e a tentativa de estabelecer o que está em jogo quando se trata de definir a questão do desemprego. Assim, os primeiros contatos entre as participantes, caracterizados pelo reconhecimento dos parceiros de interação e pelas tentativas de modelagem de um campo comum de referências, se somam às tentativas de compreender as diferentes dimensões de uma determinada questão.

b) Interesses e expectativas que motivam o “estar junto”

A conversação é uma dinâmica comunicativa que se desenvolve com maior frequência entre indivíduos que partilham as mesmas ideais, hábitos e experiências (Kim & Kim, 2008). A interação é guiada pelo interesse em descobrir o que o outro pensa sobre uma determinada questão e sobre expectativas mutuamente referenciadas de ação. Todavia, uma interação especulativa pode tornar-se tensa quando pontos de vista divergentes são explicitados. Quando a conversação se abre para a discordância, é possível ver como o fluxo descontínuo e disperso da troca comunicativa cede espaço para a tomada de posições e para o início de uma negociação de argumentos que devem ser justificados diante dos outros.

⁹ É importante mencionar que nem todos os participantes deste fórum são beneficiários do RMI. A maioria se diz em situação de precariedade tendo vivido anteriormente um longo período de desemprego.

No fórum, as participantes se dividiram em torno de duas posições precisas de maneira a identificar, de um lado, aquelas que, baseadas em suas experiências particulares, se colocavam contra os Rmistas que tiram proveito do sistema e, de outro lado, aquelas que defendiam o argumento de que não se pode julgar todos os Rmistas segundo um critério fundado em experiências isoladas. O confronto de pontos de vista de intensifica quando os interlocutores reconhecem a necessidade de explicitar as premissas que sustentam suas perspectivas.

Exemplo 2 – “Existem Rmistas que tiram proveito e outros não”

24- Sylvie (09-11-2007, 09:47:44)

...passar a vida pedindo um dinheiro para sobreviver não acaba com os problemas. Mas eu os deixo em paz, acreditando que a vida de vocês é ruim por causa dos rmistas!

25- Perle (09-11-2007, 09:47:49) Responde 24

É preciso que você [Sylvie] abra os olhos!!!!!! Aqueles que você conhece não têm vontade nenhuma de trabalhar!!!! Eles sabem reclamar quando é preciso, é só....

26- Marie (09-11-2007, 09:47:59) Responde 24

Os rmistas que eu conheço são felizes por ganharem esse dinheiro. Mas você, bem... Como você é da área social, evidentemente quando eles te vêem, eles fazem cara de choro e sofrimento!!!!

30- Claude (09-11-2007, 09:52:48) Responde 25

É, mas nem todos são como aqueles que você conhece.

142- Fleur (09-11-2007 à 11:20:04)

Existem Rmistas que tiram proveito e outros não.

151- Jane (09-11-2007 à 11:24:00) Responde 25

Eu conheço pessoas que prefeririam ter um trabalho e dignidade do que pedir ajuda permanentemente, recolhendo olhares de pena, lições de moral e se submetendo a pesquisas sociais para saber se eles são bons pais. Não creio que ser catalogado como pobre traga prazer a alguém!

Perle e Marie assumem o risco imposto pelo debate uma vez que elas ousam expressar um ponto de vista dissonante, expondo-o ao julgamento das demais participantes. No conjunto da conversação desenvolvida nesse fórum, a opinião por elas sustentada pode ser considerada como minoritária. Entretanto, elas apresentam suas razões diante das demais participantes, exteriorizando uma polarização antes latente. Isso mostra que as participantes não entram em um conflito unicamente para receberem a validação de suas razões, mas também para obterem o reconhecimento da especificidade de suas experiências e expectativas.

Desta maneira, quando as participantes se concentram sobre a dinâmica de explicitação e negociação das diferentes interpretações da questão, elas devem também decidir se aceitam ou recusam implicar-se no conflito. Se optam pelo desenvolvimento deste último, elas precisam não só explicitar as premissas que sustentam suas razões, mas também

providenciar respostas passíveis de serem aceitas por suas interlocutoras. Todavia, segundo Lev-On e Manin (2006), o desenvolvimento de um conflito impõe aos interlocutores inúmeros custos: disponibilidade, tempo, mobilização de recursos cognitivos, a disposição para dialogar mesmo havendo divergências, a aceitação do risco de dialogar com pessoas que não pensam como você, etc.

Apesar desses custos, o fato de prover respostas reciprocamente aos parceiros de interlocução permite a valorização e o desenvolvimento de habilidades cívicas como, por exemplo, o exercício de explicar, revisar e transformar perspectivas à luz das observações e indagações feitas pelos outros (Marques & Maia, 2008). Por isso, é preciso reconhecer que as intervenções em um fórum não se limitam jamais a simples expressões de opinião, mas se apóiam sobre argumentos mais ou menos estruturados.

c) Modos de estabelecer contato com o outro: narrativas e identificações

Nos espaços conversacionais da internet, o contato com o outro é feito por meio da partilha de histórias de vida, símbolos e vocabulários próprios que permitem a construção de narrativas de identificação. Os vínculos construídos entre os interlocutores tendem à cumplicidade e à diferenciação entre os participantes e os “de fora”.

De acordo com Stromer-Galley (2002), a natureza simultaneamente pública e privada da conversação na internet pode ajudar os indivíduos desfavorecidos e marginalizados a discutirem sobre assuntos políticos. Esses indivíduos, por diferentes razões, temem realizar tais discussões em contextos públicos de contato face a face. Os fóruns de discussão se apresentam, assim, como contextos privilegiados de exposição pública da individualidade. Mas, para protegê-la, os participantes estabelecem regras básicas de confiança recíproca e de identificação, utilizando certas expressões pertencentes ao senso comum e ao conjunto simbólico-valorativo de refências e hábitos que os aproxima. Deste modo, a cordialidade predomina frequentemente como regra essencial das conversações on line para a proteção das identidades contra possíveis agressões.

Em um fórum de discussão, os indivíduos tendem a ter maior liberdade para tornar explícitas perspectivas ligadas às suas identidades e histórias de vida. De acordo com Dahlberg (2007, p.837), a internet pode oferecer espaços seguros para fortalecer as vozes marginalizadas antes que elas se engajem em debates mais amplos e exigentes. Assim, nesses espaços de conversação, os “contra-públicos subalternos” (Fraser, 1992) podem

elaborar e dar visibilidade a contra-discursos definidos em oposição aos estereótipos e percepções correntes acerca de sua situação social.

Todavia, de modo geral, as dinâmicas conversacionais instauradas nos fóruns de discussão são guiadas por procedimentos de publicização que se revelam constrangedores aos participantes, pois fazem com que estes últimos se exponham ao olhar dos outros por meio das narrativas que elaboram sobre suas experiências privadas. Essas dinâmicas podem, então, revelar experiências de exclusão e ausência de reconhecimento social que remetem os interlocutores a posições desvalorizadas e estigmatizadas. No fórum aqui analisado, constatamos que as participantes mencionavam constantemente sua dignidade ou davam exemplos de situações nas quais haviam sofrido alguma forma de desrespeito.

Exemplo 3 – Esconder a dignidade no armário: experiências partilhadas de humilhação

186- Danielle (09-11-2007, 14:24:37)

Que vergonha existe em comer no restaurante popular quando estamos em dificuldade? Que humilhação existe em procurar roupas e móveis usados? Quando estamos necessitados, escondemos nossa dignidade no armário.

194- Edith (09-11-2007, 14:38:30) Responde 186

Mas você acha que isso é fácil? Perder nossa dignidade? Em quatro anos de depressão que destruíram minha vida e eu mesma eu nunca tive coragem de pedir ajuda.

200- Louise (09-11-2007, 14:49:59) Responde 197

Concordo plenamente! Eu também tive uma depressão passageira quando estava desempregada, porque as pessoas que trabalham nos enviam essa imagem de que se você está desempregada, você é necessariamente um aproveitador, um preguiçoso, um inútil, etc. É muito duro ser rebaixada desta forma.

As mensagens de Edith e Louise nos apresentam testemunhos que servem, ao mesmo tempo, como forma de criar vínculos de identificação com as outras participantes e como uma razão ou evidência fornecida ao debate (Gastil, 2008). Sob esse viés, o testemunho pode ser visto como um procedimento prático empregado pelos indivíduos para tornar seus pontos de vista mais inteligíveis e passíveis de serem aceitos como válidos (Black, 2008). Ao assumir uma forma narrativa, o testemunho retira as experiências do locus de sua ocorrência particular e lhe confere um valor de ilustração, exemplo, prova ou argumento.

As narrativas conferem ao problema em questão sua individualidade e sua realidade, auxiliando as participantes do fórum a compreender a razão pela qual um problema individual deve ser considerado como uma questão ligada à falta de reconhecimento social que atinge todas elas. O emprego do testemunho em situações de conversação informal oferece a oportunidade de perceber a situação a partir da perspectiva do outro, o que pode

contribuir para a mudança de modos de pensar e de compreender as histórias individuais e coletivas.

4. Considerações finais

Neste trabalho, vimos que vínculos estabelecidos on line podem se iniciar de maneira a celebrar um momento de partilha de experiências, hábitos e idéias. Mas, no decorrer de conversações informais, essa ação de compartilhamento com o outro pode requerer dos parceiros o esforço de se posicionarem diante dos outros, de formularem argumentos convincentes e de justificá-los de maneira convincente. Assim, a uma sociabilidade fundada na troca de experiências vividas, de crenças e de disposições subjetivas, soma-se uma sociabilidade voltada para a politização da palavra e dos argumentos disponibilizados para o debate. Sob esse aspecto, a conversação on line é um processo que não só aproxima indivíduos semelhantes, mas também permite que eles se percebam enquanto participantes de um debate que os ultrapassa e que, ao mesmo tempo, torna possível a inserção de suas vozes em um espaço público de maior alcance. A tabela apresentada a seguir sintetiza as principais características dos aspectos afetivos e políticos da sociabilidade constituída no fórum de discussão analisado. Vale ressaltar que a interseção entre tais aspectos é feita no decorrer das dinâmicas conversacionais.

TABELA 1
Aspectos afetivos e políticos da sociabilidade on line

Sociabilidade (aspectos afetivos)	As contribuições da conversação	Sociabilidade (aspectos políticos)
Modelagem mútua de um mundo comum: busca de referências partilhadas.	Buscar, na experiência subjetiva dos participantes, fatos e pontos de vista que podem ser úteis na interpretação cooperativa e conflitiva de uma questão ou problema; Identificar uma série de possibilidades de abordar o problema; Procurar compreender as principais nuances de uma questão.	Tentativas de definição e compreensão da questão em causa. Estabelecer o que é importante para os parceiros de interação.
Interesses comuns e expectativas recíprocas que motivam o “estar junto”.	Apropriação e contestação crítica dos pontos de vista publicamente disponíveis ; Reconhecer as limitações de suas opiniões e as vantagens daquelas defendidas pelos outros.; Dialogar para além das diferenças.	Negociação de interpretações sobre a situação em causa: confronto de pontos de vista.
Estabelecer contato com o outro, dividir experiências, hábitos, idéias (identificação).	Articulação da experiência pessoal com princípios mais gerais; Mobilização de um regime discursivo fundado sobre a emoção e sobre formas de comunicação	Narrativas identitárias e suas ligações com o reconhecimento social e o questionamento de

como o testemunho (*storytelling*).

preconceitos.

A conversação informal, ao abrir brechas para o processo de definição e interpretação de um problema público, permite que os indivíduos busquem o reconhecimento recíproco e coloquem em prática suas idéias e crenças, submetendo-os ao crivo dos parceiros de interlocução. Isso tende a favorecer o aperfeiçoamento dos modos de se interpretar problemas e de expressar pontos de vista no contexto de uma negociação pública entre interesses divergentes, modificando, assim, formas de pensar, de formular e de justificar verbalmente perspectivas e argumentos.

Referências

BLACK, L., 2008, « Deliberation, Storytelling, and Dialogic moments », *Communication Theory*, v.18, p.93-116.

BOHMAN, J., 2004, « Expanding dialogue: the internet, the public sphere and prospects for transnational democracy », *Sociological Review*, p. 131-155.

BRETAS, Beatriz; SILVA, Rafael Figueiredo. Interfaces telemáticas: linguagens e interação na construção de momentos comunicativos. 2006, disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/artigos>.

BRETAS, Beatriz. “Pessoas comuns no ciberespaço: dimensões éticas e estéticas da ocupação midiática”. Trabalho apresentado ao GT “Comunicação e Sociabilidade”, do XVII Encontro da Compós, UNIP – SP, junho de 2008.

CRAMER WALSH, K., 2004, *Talking about Politics: Informal Groups and Social Identity in American Life*, Chicago, University of Chicago Press.

CRUZ, M., 2006, “A interação entre a favela e a cidade formal: processos de sociabilidade mediados pelo ciberespaço”, disponível em: <http://www.rp.bahia.com.br/biblioteca.pdf/MarciaMariaDaCruz.pdf>.

DAHLBERG L., 2007, « Rethinking the fragmentation of the cyberpublic: from consensus to contestation », *New Media and Society*, v. 9, n.5, p. 827–847.

DAHLGREN, P., 2005, « The Internet, Public Spheres, and Political Communication: dispersion and deliberation », *Political Communication*, n.22, p.147-162.

FRASER, N., 1992, « Rethinking the Public Sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy », dans CALHOUN, C. (ed.). *Habermas and the Public Sphere*, Cambridge, MIT Press, p. 109-142.

GASTIL, J., 2008, *Political Communication and Deliberation*, London, Sage.

HABERMAS, J., 2006, « Political Communication in Media Society », *Communication Theory*, v.16, p. 411-426.

KIM, J.; KIM, E. J., 2008, « Theorizing dialogic deliberation: everyday political talk as communicative action and dialogue », *Communication Theory*, v.18, p.51-70.

LEV-ON A. ; MANIN B., 2006, « Internet: la main invisible de la délibération », *Esprit*, mai, p. 195-212.

MAFFESOLI, M., 1987, *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense.

MARQUES, A.; MAIA, R., 2008, « A conversação sobre temas políticos em contextos comunicativos do cotidiano », *Politica & Sociedade*, v.7, n.12, p.143-175.

MARQUES, A. C. S., 2008, « L'intersection entre le processus communicatif et la délibération publique », [en ligne] <http://w3.u-grenoble3.fr/les_enjeux/2008/Marques/index.php>.

MITRA, A., 2001, « Marginal voices in cyberspace », *New Media and Society*, v.3, n.1, pp.29-48.

ROJAS, H., 2008, « Strategy versus Understanding: how orientations toward political conversation influence political engagement », *Communication Research*, v.35, n.4, p.452-480.

STROMER-GALLEY, J., 2002, « New voices in the public sphere », *The public*, v.9, n.2, p.23-42.